

Maria de Lourdes O'Donnell: Algumas Palavras...

Pequena, frágil, voz pouco atraente. Entretanto, ao tomar a palavra em seminários clínicos, nos grupos de estudo, nas aulas de filosofia, Dra. Maria de Lourdes a todos surpreendia.

Com clarividência pinçava: o ponto a ser interpretado para o paciente, o tema a ser esclarecido ou aprofundado nas reuniões de estudo. Com agudo tino clínico era excelente supervisora.

O que relatarei – sem quebrar o sigilo analítico – será enriquecido por alguns dados familiares colhidos com seu irmão.

Nasceu no Maranhão, em família cultural e socialmente importante. Seu avô materno Parga Nina, ilustre médico, com estudos na França, era parente próximo do grande Nina Rodrigues. Seu avô paterno: cônsul honorário britânico no Maranhão. Ao perder muito cedo seu pai, teria muita dificuldade financeira para cursar a Faculdade Nacional de Medicina (atual UFRJ). Especializou-se em Pediatria em Massachussets e trabalhou no Boston City Hospital. Casou-se com John O'Donnell e tiveram dois filhos: John e Joanne. Em 1961 volta para o Brasil com a família. John se tornaria o idealizador e fundador do *Brasas English Course*; ela, em 1965, iniciaria a formação analítica na SBPRJ. Eu fui sua analista e seus supervisores: Danilo Perestrello e Zenaira Aranha. Tornou-se Membro Associado em 1969, Membro Titular em 1982 e teve funções didáticas nos anos 80.

No final da formação freqüentou assiduamente as Reuniões de Psicossomática dirigidas por Danilo Perestrello na 1ª Cadeira de Clínica Médica da U.B (atual UFRJ), na Santa Casa; mais tarde seria uma das assistentes de Perestrello na Cadeira de Psicologia Médica, na Faculdade Souza Marques. Interessava-se pelo estudo da "Observação mãe-bebê" e idéias de Winnicott.

Anos após o término de sua análise, tornamo-nos muito amigas. Maria de Lourdes era pessoa grata e generosa. Apesar das épocas sofridas em sua vida, era capaz de certo *humour*.

A lembrança da aluna, colega, professora e pessoa tão amiga deixa a todos nós muitas saudades.

Marialzira Perestrello

A última despedida

Minhas primeiras lembranças de Maria de Lourdes são as da professora do curso de Psicologia da PUC, no início da década de 60. Ela chegara há pouco dos Estados Unidos, onde trabalhara como pediatra e unindo esta experiência com a de psicanalista, supervisionava o trabalho terapêutico de alunos que atendiam crianças e adolescentes na Clínica do Instituto de Psicologia Aplicada (IPA) da PUC. Sua grande calma, paciência e placidez encorajava-nos a enfrentar os percalços de um trabalho que ela, mais que nós, sabia não ser tarefa fácil.

Ouvi dela, pela primeira vez, o nome de Donald W. Winnicott, cujas idéias, bastante valorizadas no meio pediátrico americano, ela nos transmitia com a convicção advinda da sua própria prática clínica.

Dez anos ou mais se passaram até eu reencontrar Maria de Lourdes na SBPRJ. Novamente fui sua aluna, e o germe plantado lá atrás desabrochou no grande interesse que desenvolvi pela obra de Winnicott, elo de ligação entre nós que, aproximando-nos, possibilitou-me apreciar suas muitas qualidades: sua generosidade, sua disponibilidade afetiva, seu grande amor pela família.

Em seu trabalho como analista manteve sempre o interesse pelo estudo do desenvolvimento emocional da criança, indissociável do fator ambiental. Participou de grupos de observação mãe-bebê, de seminários clínicos de crianças, assim como de um grupo de trabalho na Maternidade da Praça XV visando integrar o trabalho dos múltiplos profissionais que prestavam atendimento aos bebês e suas mães.

Há algum tempo não via Maria de Lourdes. Quando ela se foi, eu não estava no Rio. Não pude assim fazer a última despedida. Fica uma saudade e a lembrança de sua sábia simplicidade que deixou marcas naqueles que tiveram o privilégio de conhecê-la.

Anna-Maria Bittencourt

Para Maria de Lourdes, minha velhota querida

Foi um exercício de síntese, escrever tão pouco para o tanto que vivi com ela. Quando soube de sua morte desejei compartilhar algum ritual de despedida, pensei em escrever para seus filhos, quando a Wania me telefonou pedindo o texto para o Jornal da SBPRJ. Pensei que era o meu desejo se realizando.

Agradeço à vida ter encontrado esta velhota nordestina e a Wania (e a quem tenha lhe falado de mim para escrever) a oportunidade de me despedir dela.

Outro dia acordei órfã de novo... Maria de Lourdes morreu. Ela acompanhou minha vida por muito tempo. No início, supervisora de meus trabalhos com gestantes, partos e amamentação, eu própria começando minha vida de mãe. Eu era bem jovem e ela ainda não era velha. Mais tarde, psicoterapeuta em tempos difíceis da minha vida de mulher: eu me parindo a mim mesma, ela, parteira. Eu amadurecendo e ela envelhecendo.

Muitas vezes eu sentia que ela sorria, compreendendo tudo, e eu explicava sem entender nada. Ela esperava e confiava. Caras, sorrisos, poucas e sinceras palavras. Ajudando-me a ser o que de fato eu era, mesmo que ela não gostasse. E ela nem gostava tanto... e no entanto, me apoiou a ser o que eu era, o que eu sou.

Às vezes eu penso muito nela. Às vezes a esqueço por muito tempo. De repente vem um sorriso e compreendo o que ela entendeu há tanto tempo... e teve a gentileza de não me explicar.

Maria de Lourdes, simples, franca, sincera, autêntica. Muito querida.

"*ser autêntica é se chegar o mais próximo daquilo que se deseja ser...*"
[Almodóvar].

Claudia Orthof

Ano de Luto

Perdemos três queridos membros e compartilhamos com as famílias e amigos essa dor, solidarizamos-nos em momento tão delicado. As três queridas colegas estarão sempre presentes em nossas lembranças.

Janete Bandarovsky, colega sempre ativa em nossa Sociedade, aluna interessada e criativa, amiga de muitos de nós, nos deixou ainda muito jovem.

Maria de Lourdes O'Donnell, professora de muitos analistas em nossa Sociedade, sempre teve uma participação discreta e inteligente nas atividades societárias. Entusiasta do Curso de Observação da Relação Mãe-Bebê onde mostrava seu vigor clínico e de observação. Aos 70 de anos, aposentou-se de seu trabalho clínico, mas manteve-se ligada aos estudos, sendo um exemplo para muito de nós.

Lúcia Spitz, com sua delicadeza, colaborou em várias gestões, trazendo idéias criativas e inteligentes. Muito conciliadora em seu estilo elegante e carinhoso, tinha sempre uma palavra de incentivo.

Altamirando Andrade

Ano de Perdas Dolorosas

Pressentíamos pelas notícias que ela havia começado a despedida.

Ter estado hoje na *Chevra Kadisha* significou para nós nos defrontarmos, tristemente, com a realidade da sua morte. Mas ainda lá iamos, em conversas, reconstituindo-a; Lucia filha, Lucia irmã, Lucia mulher, Lucia mãe, Lucia amiga, Lucia médica, Lucia psicanalista, Lucia professora. Partiu jovem, mas construiu uma sólida história. Muitos e muitos amigos foram prestar a última homenagem pública. O que muito nos emociona é que seus gestos, sua fala, seu tom enfático e firme ainda nos alcançam... Ela se retira marcando o seu trajeto com a garra e ética que foram algumas de suas características. Senti muita falta das caronas de taxi com você e de desfrutar dos nossos curtos, mas sinceros *papos*. A Dor é grande, mas a lembrança da sua postura diante da vida nos fortalece.

Miriam F. Fainguelernt

Leia mais na pág. 6

Saudades de Janete

Anna Lúcia Melgaço

A guerreira Janete, assim eu lhe chamava, tinha tal paixão pela boa leitura que já em grande sofrimento doía-lhe muito se desfazer dos seus livros. Adeus, querida, outros bons leitores se lembrarão sempre de você.

Celmy Quilelli

Eu a conheci em fevereiro de 1991 e uma das lembranças mais antigas é a da chegada de uma pessoa muito séria. Extremamente séria. E foi assim que começamos a trabalhar.

Sobre o trabalho de todos estes anos não vou poder falar. Mas posso falar do quanto significou para mim e sinto que o devo em homenagem a ela. Compartilhamos nossas vidas, construímos juntas nossa teoria sobre o que é Psicanálise e sobre o que cura em Psicanálise.

Surpreendentemente tínhamos muito em comum: a curiosidade sobre as diferenças culturais, o amor pelas tradições, o desejo de conhecer. Apreendi muito com ela.

Não vou esquecê-la, assim como não esqueci Martha. E se escolho testemunhar e não silenciar é para que ela continue dizendo o que sabia: o significado que para um analista tem o encontro com seus pacientes. O desafio pressentido no primeiro encontro, o mergulho nas emoções, o enfrentamento das circunstâncias por vezes trágicas e assustadoras que a Vida nos apresenta, tudo se constitui numa terrível aventura. Paradoxalmente, isto é o que nos constitui e constrói enquanto analistas e pessoas. Pois se não há tal coisa como um bebê sem sua mãe, também não existe um psicanalista sem seus pacientes.

Se hoje sou menos analista porque estou sem ela, espero ser um novo alguém quando puder reconstituir-me de sua perda.

Citando um autor de sua tradição, alguém que nos incitou a dar testemunho e nos conclamou a não esquecer, finalizo:

"Let us remember, let us remember (...) they did not die alone, for something in all of us died with them." (Eli Wiesel)

Helena Pereira

É estranho escrever uma homenagem obituária para Janete. Não combina nada com ela.

Muito jovem ainda, estudiosa e entusiasmada, partilhávamos também a paixão pelo ofício da psicanálise. Gostávamos quando, brincando, nos chamávamos de Jânet e Hélène, fazendo alusão às nossas diferentes "escolas" de psicanálise de maior identificação; a inglesa e a francesa, o que tornava nossas conversas muito mais interessantes para ambas.

Além de colega foi amiga generosa me apoiando em momentos de doença na família. Deixa saudades, gratidão, boas lembranças e, no momento, ainda muita tristeza pela sua partida tão prematura.

Ruth Lerner Froimtchuk

Foi-se Janete, cedo demais, depois de uma longa luta pela vida, deixando em cada um de nós, que tivemos o privilégio da sua amizade, uma imensa falta e tristeza, mas, ao mesmo tempo, uma forte lembrança da coragem e dignidade com que sempre enfrentou as vicissitudes da vida.

Conhecemo-nos na Sociedade de Psicanálise num curso de Freud, quando após ter sofrido grave revés na vida, pôde revelar, despertando admiração e respeito, toda a sua capacidade de enfrentar e buscar caminhos de superação da dor, através da produção de um trabalho denso, rico e criativo, em resposta à necessidade de obter alguma paz interior e uma possibilidade de reintegração. Nasceu, assim, dessa empatia e admiração, uma grande amizade. E, desde então, não nos separamos mais. Compartilhamos momentos de nossas vidas bons e felizes, mas também tristes e sofridos, como foram aqueles marcados pelo agravamento de sua doença. Mas Janete nunca se entregou. Lutou para preservar seus espaços e conquistas, acreditando sempre na possibilidade de uma melhora. Perder a esperança... nunca! Há de melhorar!

Inteligente, estudiosa, culta, firme na defesa de suas idéias (e até brigona, se necessário fosse...), sensível e delicada na atenção às pessoas amigas, Janete sempre foi uma presença marcante junto àqueles que a conheciam.

Na Sociedade de Psicanálise, os que conviveram com Janete puderam atestar a seriedade e consistência de suas idéias e posições, que lhe permitiram contribuir vivamente para todos os grupos e atividades dos quais participou. É uma pena não termos mais Janete entre nós!...

Ruth Naidin

Janete foi amor tardio, da maturidade, baseado na admiração, no respeito e numa empatia instantânea. Muito raro. Deixa imensa saudade.

Simone Wenkert

Janete: amiga querida!

Com suas mãos claras e pequenas,

Com seus olhos pulsantes,

Entre mente e coração.

Cultivava flores!

Saudades...

Sônia Eva

Ao telefone, era uma aspirante à formação querendo marcar entrevista Mod.2. Apresentou-se: Janete Bandarowsky.

Seguindo o modelo formal de analista entrevistadora, disse um pois não solícito, marquei dia e hora para o encontro, dei endereço, expliquei o confuso funcionamento do consultório doméstico sem atendente em prédio residencial — o-elevador- vai-até-o-décimo-andar-suba-um-lance-de-escada-ao-final-há-uma-porta-toque-a-campainha-para-avisar-que-chegou- abra-a-porta-que-estará-fechada-mas-não-trancada-entre-e-espere-na-sala-de-espera — e nos despedimos com um boa tarde.

Dias depois, pontualmente, a campainha tocou. Abri a porta do consultório e vi sentada na sala Janete Kulich, que eu conhecia desde pequena. Ô Janete, é você, menina? Você é Bandarowsky? Mas eu não posso te entrevistar de jeito nenhum!

E ficamos tomando café, botando o papo em dia. Há muito tempo não nos víamos, Janete continuava sendo pra mim a filha do Donato, querido amigo fraterno de meu pai, médico de família, daqueles que sumiram junto com tantas outras coisas boas do passado.

Foi naquele dia, naquele cafezinho, que comecei a conhecer realmente a Janete. Seu jeito discreto que a fez permanecer formal comigo ao telefone, mesmo tendo me identificado pelo nome. Explicou-me que não conhecia "o protocolo"; recebeu meu nome, estranhou, mas seguiu em frente aguardando os acontecimentos. Janete sabia aguardar.

Aguardava confiante, ativa e corajosa. Ia curando dores com a dedicação aos estudos, ao trabalho, à família, aos amigos, e temperando a vida com um típico humor judaico.

Amiga fiel, psicanalista competente, teórica consistente, clínica sensível, pessoa acima de tudo ética e íntegra, Janete deixou uma marca indelével em nossas memórias e saudades profundas em nossos corações.

Vanessa Montenegro

Janete sempre mostrou generosidade dando força a quem lhe solicitava, mesmo nos momentos mais difíceis que atravessou. Essa sua garra e superação sempre me impressionaram. Saudades, Janete.

Wania Cidade

Já não me lembro quando foi que nos aproximamos, tanto tempo faz! Mas nosso encontro foi facilitado por um GAAC do qual participamos, atividade onde Janete se expunha incondicionalmente e de forma firme e séria. Eu a admirava, achava-a inteligente, corajosa e tenaz. O fato é que ríamos muito juntas e falávamos das dores da vida, da perseverança e da transitoriedade. Jajá, como eu a chamava, estava em contínua atividade, encontrava força, ânimo, entusiasmo, vitalidade quando parecia que nada mais se podia fazer. E foi-se lentamente, uma partida cruel. Dói saber que teve tão breve tempo de existência, mas foi uma existência intrépida e expressiva. Saudade, Janete.